

Doc. sobre
pescadores vence
em Tiradentes



PÁGINA 3

Osesp chega aos
70 anos com falta
de músicos



PÁGINA 4

Rico Dalasam
surge introspectivo
em novo álbum



PÁGINA 5

2º CADERNO

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Programado para voltar aos sets de filmagem ainda este ano, conforme o roteiro de seu novo longa-metragem (“Crime no Punishment”) estiver finalizado, o sérvio Emir Kusturica cumpriu mais uma missão, em seu projeto estético de resguardar a dimensão ritualística do cinema autoral. A sensação de dever cumprido se impôs quando ele finalizou a 17ª edição do Festival de Küstendorf, no sábado.

“Meu cuidado maior é permitir que cineastas iniciantes e artistas com uma obra já consagrada possam ter seus filmes projetados com uma qualidade à altura do investimento pessoal neles depositado”, disse Kusturica ao Correio da Manhã, no chalé onde habita no resort onde o evento acontece, num resort na vila de Mokra Gora, no noroeste da Sérvia, na fronteira com a Bósnia, a três horas de Belgrado. “Por aqui, temos algo em comum com o Brasil e a Argentina: estamos sempre sendo submetidos a situações que nos obrigam a lutar para sobreviver e somos muito bons em futebol, ainda que não com a unidade alcançada pelos times de vocês.”

Aos 69 anos, o multiartista foi laureado duas vezes com a Palma de Ouro de Cannes, confiadas a ele em reconhecimento à excelência de sua direção em “Quando Papai Saiu Em Viagem de Negócios”, de 1985, e em “Underground – Mentiras de Guerra”, de 1995. Na ativa nas telas desde 1978 (ano de seu fil-



O cineasta sérvio Emir Kusturica criou nas montanhas de seu país um festival que respira autoralidade

**Prestes a filmar novamente, baseado em Dostoiévski,
o aclamado cineasta sérvio Emir Kusturica finaliza seu festival
anual, afaga Lula e faz um balanço sobre a América Latina**

me de estreia, o curta “Guernica”), ele publicou livros de memórias e de narrativas ficcionais (“Death is an Unverified Rumour”, “Étranger Dans Le Mariage” e “Why Did I Need This”) e excursionou o mundo tocando guitarra e cantando com sua banda: The No Smoking Orchestra. Quando filmou “A Vida É Um Milagre” (2004), ele conheceu bem a região onde insta-

lou sua Kusturicalância.

Hoje está construindo um resort na Bósnia, chamada Andrićtown, em tributo a Ivo Andrić (1892-1975), ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1961, e encarado como patrimônio artístico dos povos que um dia integraram a Iugoslávia.

“O que eu vivi em Sarajevo deve ficar na memória, passou”, diz

o cineasta, numa alusão aos conflitos políticos dos Balcãs.

Ele enxerga semelhança entre os combates que encheram de sangue as fronteiras da Sérvia e os múltiplos problemas enfrentados pela América Latina, continente que descobriu por meio da literatura, nas páginas de autores como Gabriel García Márquez (1927-2014). É leitor também de Ma-

chado de Assis (1839-1908), cujos contos integram uma antologia latina nas prateleiras de sua biblioteca em Küstendorf. O amor dele pelo povo sul-americano se fez notar em dois de seus filmes mais famosos dos últimos 15 anos: “Maradona por Kusturica” (2008) e “El Pepe, Uma Vida Suprema” (2018), sobre octogenário líder uruguaio Pepe Mujica.

CORREIO CULTURAL

ENTREVISTA / EMIR KUSTURICA, CINEASTA, MÚSICO E ESCRITOR

Divulgação



Divulgação

Morrissey segue recomendação médica e cancela shows

Morrissey cancela turnê na América Latina por exaustão

O cantor Morrissey, ex-vocalista da banda The Smiths, cancelou sua turnê de 40 anos de carreira em toda a América Latina, incluindo os shows que faria no Brasil, após sua equipe afirmar que ele está sob supervisão médica devido à exaustão física. Segundo a assessoria do artista, ele ficará em repouso em Zurique, na Suíça, por

duas semanas.

A informação foi confirmada pela Free Pass Entretenimento, que cuidava das apresentações no país. A empresa diz que publicará, em breve, as informações para que o público possa pedir o reembolso dos ingressos. Os shows aconteceriam em fevereiro em São Paulo e em Brasília.

Anote a data

Quase 25 anos depois do sucesso de "O Auto da Compadecida", a amizade de Chicó (Selton Mello) e João Grilo (Matheus Nachtergaele) tem data para voltar às telonas. "O Auto da Compadecida 2" será lançado no próximo Natal.

Inscrições

A Fundação Teatro Municipal do Rio e a Escola Estadual de Dança Maria Olenewa lançam nova turma do curso de Pós-Graduação em Ensino de Dança Clássica. As inscrições vão até quinta-feira (1/2), com entrega de documentação.

Workshop

A temporada do espetáculo "Palavras de Mulher" já acabou, porém, nas quartas, 31 de janeiro, e no dia 7 de fevereiro, oferecerá o workshop gratuito "Caminho das Pedras: da Arte ao Produto Cultural", apresentado por Patricia Castro.

Inspiração

O escritor Marcos Nasser, que escolheu Niterói para viver lança o seu quarto volume da antologia de poemas inspirados na chamada Cidade Sorriso. O trabalho destaca momentos que passam despercebidos pela preocupação humana.



Divulgação

'Estou em dívida com o Brasil'

Na entrevista a seguir concedida ao Correio da Manhã, Emir Kusturica bate no presidente argentino Javier Milei, afaga o brasileiro Luis Inácio Lula da Silva e antecipa detalhes do filme que está a escrever.

Depois de fazer filme sobre Pepe Mujica, de ler nossa literatura e de ter feito show na Marina da Glória (em 2017), o que a América Latina ainda simboliza para o senhor?

Emir Kusturica: Nós, sérvios, e vocês, latino-americanos, carregamos, de formas distintas, o fardo de uma luta constante pela sobrevivência de nossas culturas, e tivemos no realismo mágico uma forma de luta. Temos grandes craques no futebol também. Estou em dívida com o

Brasil, pois fiz filmes no Uruguai e na Argentina, que hoje sofre com Milei, um sujeito distinto da realidade. Vocês, brasileiros, sofreram com Bolsonaro, que é um filiado da CIA.

Como vê o regresso de Lula ao poder e seu atual mandato?

Lula é dos meus. Teve um papel fundamental nas lutas da América Latina. Sabe qual é a minha maior preocupação em relação a vocês? Um dia, os EUA vão retirar suas bases da Europa e do Oriente Médio – para onde foram para ficar mais perto do bolo e poder assegurar uma fatia para si – e vão migrar para os territórios latinos. Nesse momento, vocês vão ter problemas, a menos que criem um constante policiamento de suas soberanias. Nos anos 1960 e 70, eles já deram

sinais disso, fomentando golpes militares. Os americanos estão sempre em seus aviões, jogando bombas nos outros. Mas só botam o pé quando o lugar já estiver dominado. Eles não estão preocupados com a esperança. Eles querem que as pessoas consumam, sem preocupações, sem filosofia.

De que maneira organizar um festival como Küstendorf muda sua percepção do cinema?

Cumprimos 17 edições e, a cada ano, chegam mais filmes, demonstrando que nós estamos no radar. Meu cuidado é oferecer a plataforma ideal para que cineastas de todo o mundo possam exhibir seus filmes de maneira confortável.

O que esperar de seu novo longa-metragem?

Estou escrevendo o roteiro a partir de dois livros de Dostoiévski: "Crime e Castigo" e "O Idiota". O projeto se chama "Crime No Punishment" e acompanha o dilema de um jovem que comete um assassinato não por ódio, mas por amor, amando uma jovem garota de programa. Meu planejamento é que as filmagens estejam completas no ano que vem.

Pescando premiações

‘Lista de Desejos para Superagüi’, de Pedro Giongo, é escolhido o melhor filme da mostra Aurora, a principal do festival mineiro

Por Naieff Haddad (Folhapress)

O documentário “Lista de Desejos para Superagüi”, dirigido por Pedro Giongo, foi o grande vencedor da 27ª edição da Mostra de Cinema de Tiradentes. A produção paranaense recebeu do júri oficial o prêmio de melhor filme da mostra Aurora, a mais relevante do festival mineiro.

O filme acompanha o difícil cotidiano de uma comunidade caiçara na ilha de Superagüi, situada no Paraná, próxima da divisa com São Paulo. Ao receber o prêmio, Giongo agradeceu a Martelo, pescador de 70 anos que não consegue se aposentar, e a outros moradores do lugar pela participação no documentário.

Ainda na mostra Aurora, o longa “Maças no Escuro”, do paulista Tiago A. Neves, recebeu uma menção honrosa.

“Aquele que Viu o Abismo”, uma produção paulista dirigida por Negro Léo e Gregorio Gananian, conquistou o troféu Carlos Reichenbach, concedido por um júri formado por estudantes ao melhor longa da mostra Olhos Livres.

Ainda entre os longas, “As Primeiras” (SP), de Adriana Yañez, levou o prêmio do júri popular. O documentário lembra as jogadoras da primeira seleção feminina de futebol do Brasil. “Que o futebol devolva a essas mulheres tudo o que elas deram ao futebol”, disse Yañez no palco de Tiradentes.

O prêmio Helena Ignez, concedido a um destaque feminino em



Cena de ‘Lista de Desejos para Superagüi’, de Pedro Giongo, escolhido como o melhor filme da mostra Aurora do Festival de Tiradentes

qualquer das funções na produção de um filme, foi entregue à indígena paulista Kerexu Martim, diretora do curta “Agyjevete Araxi’I”.

Entre os curtas, “Eu Fui Assistente do Eduardo Coutinho”, do carioca Allan Ribeiro, saiu consagrado, com dois troféus, o do júri oficial e o do Canal Brasil. Engenhoso, o filme lembra o episódio em que o diretor interpretou um assistente de Coutinho numa cena de “Depois das Nove” (2008), do próprio Ribeiro. Curiosamente, a cena acabou sendo cortada do filme.

Balanco em números

Horas antes da premiação, Raquel Hallak, diretora do evento, fez um balanço desta edição da mostra de Tiradentes. De acordo com ela, o festival recebeu cerca de 37 mil pessoas ao longo de nove dias, de 19 a 27 de janeiro. Esse número contabiliza os espectadores de sessões de cinema em diversos espaços, inclusive a praça, além de debates, oficinas, shows, entre outras atividades. No ano passado, foram em torno de 35 mil pessoas.

Ainda segundo Hallak, mais de 250 empresas mineiras foram

contratadas para prestar serviços ao festival. De acordo com a prefeitura de Tiradentes, cerca de R\$ 10 milhões foram injetados na economia local.

Questionada sobre a grande procura por algumas sessões, quando dezenas de pessoas acabam frustradas por não conseguirem assistir a um filme ou a um debate, a diretora afirmou que Tiradentes precisa do que ela chamou de “palácio de festivais”, com uma estrutura mais ampla para receber eventos. “São, pelo menos, 15 festivais ao longo do ano na cidade.”

Mônica & turma no plim-plim

‘Sessão da Tarde’ exhibe ‘Lições’, longa baseado nas HQs de Maurício de Sousa

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Enquanto “Turma da Mônica Jovem – Reflexos do Medo” busca seu lugar em circuito, a “Sessão da Tarde” da Globo revisita as aventuras mirins dos personagens de Maurício de Sousa. Às 15h25 desta terça-feira, o Plim-Plim exhibe o sucesso de bilheteria “Lições”, de 2021. É uma certeza de Ibope alto.

Pontuado por bom humor, “Turma da Mônica: Lições” avança algumas casas no tabuleiro que vai da infância à “aborrescência”, jogando os dados do existencialismo para desenhar sua progressão aritmética na vida de seus protagonistas. É um fundo que verticaliza mais questões afetivas como solidão, inadequação e sociabilidade em relação ao primeiro e belíssimo filme da franquia pilotada pelo cineasta e montador



Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão em ‘Lições’

Daniel Rezende sem jamais perder o horizonte de lirismo do universo de HQs ao qual se reporta. Preserva-se o timbre de peripécias em série do longa-metragem anterior, “Laços”, visto por cerca de 2 milhões de pa-

gantes em 2019, mas há uma condução mais interessada nas emoções dos protagonistas do que na execução de uma jornada clássica.

É, portanto, um filme mais maduro na essência, amplificado pela

presença luminosa de Malu Mader como uma educadora pautada pela inclusão e por um desempenho arrebatador de Isabelle Drummond no papel Tina. Se no “Turma 1”, Rodrigo Santoro roubava o filme pra si ao aparecer como o Louco, aqui Isabelle consegue, com sensibilidade, escavar uma planície de arrebatamento.

Nessa segunda incursão cinematográfica com atores de carne e osso, a Turma reafirma todos os arquétipos de seus personagens: Mônica (Giulia Benite) continua arredia e impaciente; Cebolinha (Kevin Vecchiatto) segue ambicioso, com mania de “glandeza”; Magali (Laura Rauseo) continua com apetite voraz; e Cascão (Gabriel Moreira) permanece incomodado com o efeito da água em seu corpo.

Uma grife com problemas

Eduardo Knapp/Folhapress



Sob a regência do maestro inglês Neil Thomson, músicos da Osesp ensaiam na Sala São Paulo

Osesp faz 70 anos e sofre com quadro de músicos incompleto

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Nas noites de concerto, o portão de ferro da Sala São Paulo separa duas realidades distintas. Do lado de fora, o cenário de emergência humanitária é composto por amontoados de lixo e grupos fumando crack. Dentro da sala, impera a sobriedade, típica do mundo da música de concerto. Entre uma taça de espumante e outra, o público flana pelo hall até que trombetas soam, anunciando o início do programa.

Em 2024, a sala faz 75 anos e a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo completa sete décadas de existência. O conjunto abre a próxima edição do Festival de Berlim, mas as comemorações são abafadas por dois desafios. Funcionários da Osesp relatam o medo que sentem ao caminhar pelos arredores da sala, cercada pela cracolândia, e temem a piora na qualidade das apresentações, com a falta de músicos em posições de liderança e o excesso de artistas temporários.

Todos os naipes da Osesp - nome dado à seção de uma mesma família de instrumentos

- são chefiados por um músico, quando, em geral, uma orquestra deve ter dois chefes, que se alternam ao longo do ano. A depender do repertório, os artistas se apresentam juntos. Faltam agora outro "spalla", violinista que é o braço direito do maestro, e outras primeiras flauta, viola, trompa, trompete e violoncelo, informa a listagem da Associação dos Músicos.

De acordo com Jefferson Collacico, presidente da Aposep, os atuais líderes dos naipes ficam sobrecarregados, tendo de trabalhar por sucessivas semanas sem descanso e sem a preparação ideal para as apresentações.

Para preencher as vagas, a Osesp recorre a músicos de fora, o que representa um entrave para o desenvolvimento artístico da orquestra, que se alicerça numa unidade sonora. Collacico afirma que algumas vagas estão em aberto há muito tempo. Há dez anos, ele diz, não há outro "spalla", além do italiano Emanuele Baldini.

"É como time de futebol. Você não vê os times jogando com convidados", diz Collacico, contra baixista. Ele acrescenta que a direção faz economia ao recorrer a temporários, algo que outros funcionários da orquestra ouvidos pela reportagem também afirmam.

O diretor-executivo da Osesp, Marcelo Lopes, e seu maestro e diretor musical, Thierry Fischer, afirmam que os músicos têm razão em apresentar a queixa.

Lopes diz que é comum os conjuntos contratarem artistas temporários, mas não em funções de liderança. Afinal, os chefes de naipe ditam como a partitura deve ser interpretada e executam os solos atribuídos ao seu instrumento. Ele ainda afirma que a Osesp está empenhada em recrutar os artistas, o que deve ocorrer a longo prazo e com cuidado artístico, já que a formação de uma orquestra é um projeto geracional.

"A Osesp não vai se acomodar", diz Lopes. O diretor não nega, porém, o peso orçamentário que as contratações podem representar. "Estamos falando de um custo fixo na folha de pagamento nos próximos 40 anos. É uma questão de responsabilidade fiscal."

Neste ano, o investimento na Osesp, entre patrocinadores, verba pública e doações, aumentou em R\$ 10 milhões. Agora, será um montante de aproximadamente R\$ 140 milhões, sendo R\$ 65,5 milhões, ou 47%, vindos do governo do estado de São Paulo. Sob Tarcísio de Freitas, do Republicanos, o repasse aumentou em R\$ 2 milhões.

Músicos e diretoria têm consciência, no entanto, de que o desafio é ainda maior --e isso tem a ver com o globalizado e bilionário mercado da música de concerto. Não se encontra um músico sinfônico como se contratam profissionais de outras áreas, com currículos e entrevistas.

As grandes orquestras disputam hoje

uma corrida para captar os artistas mais talentosos do mercado. Se a Osesp entra em conflito com as principais instituições do mundo, ela também sai em desvantagem, dado o contexto socioeconômico do Brasil e a queda do valor da nossa moeda, que dificulta a contratação de estrangeiros.

Em maio, Fischer fez uma audição para um "spalla", mas o candidato não foi aprovado nem por ele nem pelo naipe.

Em paralelo, os funcionários e o público da Osesp enfrentam um problema urgente --a convivência com a cracolândia. Atualmente, mil usuários de drogas moram na rua dos Protestantes, a poucos metros da praça Júlio Prestes, onde fica a Sala São Paulo, uma Viena no meio do abandono.

"Estamos numa área conflagrada, mas somos um ato de resistência", afirma Marcelo Lopes, o diretor-executivo da Osesp. Dois integrantes da orquestra relatam em anonimato um mesmo incidente no fim da temporada passada. Um músico lanchava, na frente da sala, quando um homem roubou seu telefone. Ao reagir, o artista se machucou e desfalcou o conjunto.

O caso exemplifica uma luta que se arrasta há décadas. Há 20 anos, os sucessivos governadores e prefeitos tentam resolver a questão.

Apesar dos desafios, a Osesp vive um momento de prestígio, sendo considerada pela crítica especializada a melhor orquestra da América Latina. São 104 músicos, sendo 34 brasileiros e 70 estrangeiros, de países como Moldávia e Romênia, mas faltam mais chefes de naipe. Para termos de comparação, a Filarmônica de Nova York tem menos contratados, 89, mas seu quadro está completo.

Tampouco o público desistiu da região central. Em 2022 e 2023, o público cresceu 14%, atraindo mais de 246 mil pessoas no último ano. O conjunto tem boa relação com Thierry Fischer, maestro suíço nascido na Zâmbia há quatro anos em São Paulo. Ele é descrito como um homem polido e democrático. Nos ensaios, gosta de dialogar com a orquestra e trabalhar as cores e os timbres.

Faltando pouco mais de um mês para o início da temporada, Fischer aposta no feijão com arroz do repertório sinfônico e dá atenção especial à primeira e segunda escola de Viena. Entre os destaques, estão o Cielo Brahms - a interpretação integral das sinfonias do alemão Johannes Brahms - e o Festival Schubert, com as principais obras do compositor.

No aniversário da Sala São Paulo, em julho, a Osesp toca o mesmo programa que inaugurou a casa - a "Sinfonia nº2", de Gustav Mahler, apelidada de "Ressurreição".

Confiança plena na força da palavra

Rico Dalasam troca o sucesso de massa por um estudo musical sobre maturidade

Por Lucas Brêda (Folhapress)

Em julho passado, Rico Dalasam estava com seu álbum mais recente, “Escuro Brillhante, Último Dia no Orfanato da Tia Guga”, praticamente pronto, mas uma experiência o fez mudar de rumo. “Caiu minha ficha”, diz o rapper. “Sempre passei aniversário sozinho, daí fiz um show no dia do aniversário, e tinha 3 mil pessoas cantando parabéns para mim. Mexeu comigo.”

Lançado em dezembro, a obra trataria de amor e romances, mas ganhou nova profundidade a partir das lembranças da infância do artista. De Taboão da Serra (SP), Dalasam foi criado pela vizinha, depois de sua mãe biológica, usuária de drogas, o entregar a ela. Foi quando frequentou a creche da tia Guga, onde aprendeu “a ver as horas, a confabular a vida”. O resultado dessa investigação sobre o passado, “Escuro Brillhante”, traz Dalasam que versa sobre maturidade e autocuidado enquanto narra experiências próprias no amor. Nem por isso, o disco é pesado nem melancólico - na verdade, é uma obra que consegue ser solar sem se perder numa felicidade piegas.

“Escuro Brillhante” marca também o fim de uma trilogia que significou um “cavalo de pau”, como ele diz, na carreira. A partir de

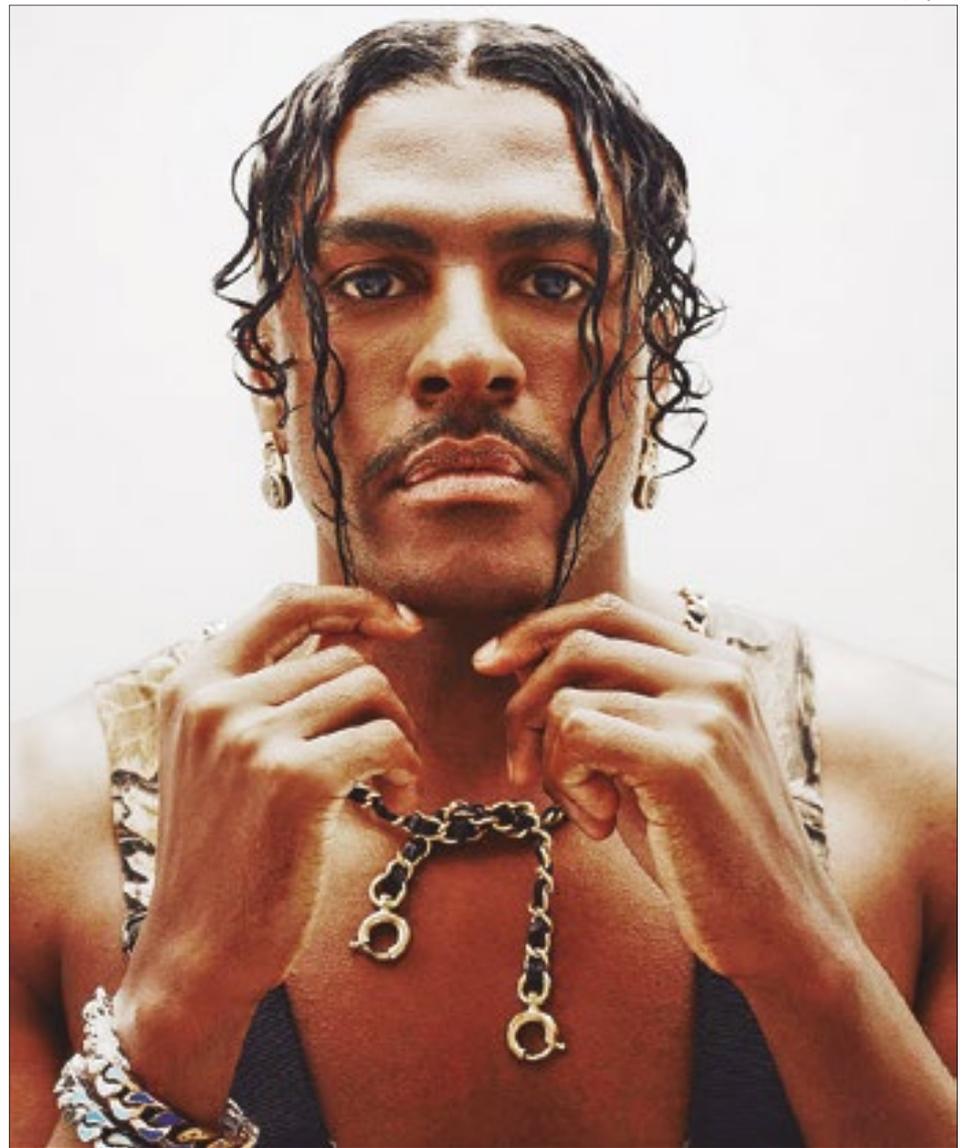
“Dolores Dala Guardiã do Alívio”, de 2021, ele abraçou uma vertente mais lírica e reflexiva de se fazer rap, dedicando maior esmero às letras e à criação poética e tratando de dilemas pessoais nos versos.

Hoje com 34 anos, Dalasam surgiu com destaque no rap com rimas mais diretas e uma sonoridade eletrônica no disco “Orgungã”. Depois, já numa encarnação mais festiva, alcançou popularidade em 2017, com os hits “Fogo em Mim”, este do EP “Balanga Raga”, e “Todo Dia”. Ele também ficou conhecido como o primeiro rapper abertamente gay do Brasil.

“Todo Dia”, parceria com Pablo Vittar e um dos sucessos do Carnaval de 2017, marcou o ápice desse primeiro momento de sua carreira, mas um desentendimento em torno dos direitos autorais da música acabou gerando um momento de crise para Dalasam. A disputa entre ele e a drag queen, que nesse período só cresceu na carreira, chegou a parar na Justiça.

“Me recolhi”, ele diz. “Algumas músicas já prontas eu deixei de lado. Me retirei dos grupos de composição de que participava. Passei a fazer tudo com mais cuidado. Entendi que o que eu tinha era muito legal para eu ficar alimentando uma cadeia de produção.” Um acordo em relação aos direitos da música foi feito em 2020, e, no ano seguinte, o rapper ressurgiu repaginado. A marca dessa era é a canção “Braille”, de pegada romântica e sensível, até hoje o maior sucesso de sua carreira.

“Quando fiz o ‘Braille’, me agarrei naquilo e fui por ali”, ele diz. “Saí daquela possibilidade de ser um hitmaker para outra, de me tornar um poeta relevante. E isso me contempla muito. Mas a gavetinha de coisas dançantes, populares e brasileiras está lá. Uma hora vou brincar a vida outra vez.”



Em ‘Escuro Brillhante, Último Dia no Orfanato Tia Guga’, Rico Dalasam abre mão do sucesso fácil e apresenta uma obra de perfil mais duradouro

Divulgação



Essa veia de poeta, ele diz, começou desde criança, quando ele desenhava e escrevia para elaborar a vida. Depois, ele se desenvolveu nas batalhas de rima. “Eu tinha as palavras, mas o rap me mordeu”, ele diz. “Aí comecei a desenvolver o flow, a achar um jeito meu de cantar --sempre atento às proparoxítonas, criando jogos de palavras.”

A partir do álbum de 2021, Dalasam expandiu e aprofundou essa nova maneira de compor e gravar. Sua escrita ficou mais complexa, o que pode ter diminuído seu alcance em termos de números, mas o fez conquistar um espaço particular dentro da música contemporânea brasileira.

“Fui sofisticando as coisas. É como se eu tivesse com uma camisa de linho e um violão numa sala grande com livros de séculos passados e obras de arte que dizem o quanto vale a minha parede”, diz. “Sei o quanto ficou apurado o que estou fazendo.”

Essa proposta confessional está espalhada no disco “Fim das Tentativas”, de 2022, e agora em “Escuro Brillhante”. Mas, nesse último álbum, as coisas estão um pouco mais leves. “Só dava para dar essa subida - coisas felizes, mas que também não são pop”, diz.

Dalasam abriu mão de tentar o sucesso de massa para buscar a durabilidade - a música que não toca tanto, mas toca sempre, em vez do hit que em dias será esquecido. Entendeu que seu maior trunfo é sua caneta. “Não tenho muita coisa a perder. Meu jeito de conquistar as coisas não está ligado às pessoas. Está nas palavras. E eu confio nas palavras.”

Faixas de Djavan, Gal Costa, Maria Bethânia e Roberto Carlos somem do Spotify. Plataforma está apurando o caso

No último domingo (28) usuários do streaming de música Spotify foram ao X (ex-Twitter) para se queixar que músicas de artistas como Djavan, Gal Costa, Maria Bethânia, Roberto Carlos e Plastic One, a banda de John Lennon com Yoko Ono, sumiram da plataforma.

Procurada pela reportagem, a assessoria do Spotify afirmou que está apurando o que pode ter acontecido.

No caso do Djavan, os álbuns “Djavan” de 1978 e 1989, “Meu lado”, de 1986, “Puzzle Of Hearts”, de 1990 e “Rua Dos Amores”, de 2012, aparecem picotados na plataforma, com apenas algumas músicas disponíveis. “Malásia”, de 1996, está com quase todas as faixas indisponíveis. Hits como “Oceano”, “Sina” e “Asa” estão indisponíveis.

O mesmo acontece com “Pra Rua Me Levar” e “Você Não Sabe”, duas canções gravadas ao vivo de Maria Bethânia, e “Tenha Calma”, do álbum “Memória da Pele”, de 1989.

“Tenda”, faixa do álbum “Gal Canta Caetano”, de 2004, também não aparece mais na plataforma. O mesmo acontece com “Açaí”, dueto de Gal com a banda Roupa Nova. A trilha sonora do filme “Gabriela, Cravo e Canela”, de Bruno Barreto, sumiu quase que completamente.

Também de Gal Costa, “Nuvem Negra” e “Serene”, do álbum “O Sorriso do Gato de Alice” e



Djavan, Maria Bethânia, Gal Costa e a Plastic Ono Band, de John Lennon e Yoko Ono, tiveram faixas retiradas do Spotify no último fim de semana

Cadê a música que estava aqui?

Agência Brasil/Fernando Frazão



Jorge Bispo/Divulgação



Reprodução



“Nada Mais”, “Chuva de Prata” e “Topázio”, do disco “Profana”, também estão indisponíveis.

Do álbum “A Pele do Futuro”, o último da cantora gravado ao vivo em 2019, as faixas “Azul” e “As Curvas da Estrada de San-

tos”, letra eternizada também na voz do Roberto Carlos, não estão mais disponíveis.

Do Rei, aliás, saíram do Spotify a maioria das faixas dos álbuns “Roberto Carlos” das décadas de 1980 e 1990.

No caso de artistas internacionais, foi notada a ausência das músicas da Plastic Ono, banda de John Lennon e Yoko Ono.

Os discos retirados são distribuídos pela Sony Music e CBS, e não estão ausentes de

outros streamings de música como Amazon Music e Deezer. A assessoria da Sony afirmou que irá checar o ocorrido e que se manifestará caso o problema envolva a gravadora e não apenas o Spotify.

Literatura íntima e confessional

Onda de livros joga luz sobre a relação dos escritores com distúrbios de saúde mental

Por Walter Porto (Folhapress)

Fazia muito tempo que ela ignorava o motivo pelo qual acudia à terapia. A cura era impossível, e o alívio do tratamento, cada vez mais frágil.” A poeta Anne Sexton conclui em seguida que suas sessões de psicanálise servem para ocupar “o vazio de uma mulher selvagemmente só”. Sobre seu futuro, não há qualquer esperança. “Não acreditava nem sequer na possibilidade de se estabilizar e não cair mais baixo. Nunca acabava de desmoronar por completo.”

É o retrato dos últimos momentos de uma das escritoras mais vorazes do século 20. Sexton se debateu com distúrbios psíquicos durante quase toda a vida enquanto elaborava, autodidata, uma obra que a tornaria ponta de lança da poesia confessional, derramando intimidades sem pudor e com maestria no papel.

Sua literatura, uma das mais expressivas dos Estados Unidos e já popularizada por diversos idiomas, está disponível agora pela primeira vez aos brasileiros na antologia “Compaixão”, traduzida pela também poeta Bruna Beber.

A estreia tardia de Sexton vem em momento em que proliferam obras de qualidade sobre a relação de escritores com a saúde mental. A espanhola Rosa Montero acaba de



publicar “O Perigo de Estar Lúcido”, um amplo panorama histórico sobre a ligação entre a criatividade e aquilo que chama de loucura, incluindo a si mesma no balaio e dedicando quase 250 páginas a elaborar hipóteses sobre o funcionamento da mente dos artistas.

A autora se ampara em casos reais, como os de Sylvia Plath e Charles Bukowski, e em dados estatísticos. Por exemplo, um estudo da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, que aponta que escritores têm três vezes mais chances de sofrer de depressão e quatro vezes mais probabilidade de ter transtorno bipolar.

Já o sociólogo britânico Andrew Scull lança “Loucura na Civilização”, que se aproxima da questão pelo ângulo quase inverso, refletindo sobre como a arte passou a lidar com a representação da insanidade - no século 19, com a disseminação

Vencedora do Prêmio Pulitzer, Anne Sexton passou a vida lidando com distúrbios mentais. Sua obra agora chega ao Brasil

dos então chamados manicômios, eles passaram a aparecer quase imediatamente nas histórias de terror.

Há ainda autores dedicados a falar em primeira pessoa de seus transtornos mentais. O francês Emmanuel Carrère relata em “Toga”, com alta voltagem literária, sua derrocada de um retiro espiritual em direção a uma instituição psiquiátrica; em dois títulos autoexplicativos, a britânica Wendy Mitchell e a americana Esmé Wang abordam suas experiências em “O que Eu Gostaria que as Pessoas Soubessem sobre Demência” e “Esquizofrenias Reunidas”, este previsto para sair em abril.

E chegou há pouco por aqui

“Fim de Poema”, novela de Juan Tallón que contém o trecho sobre Anne Sexton que abre este texto. Num livro curto e engenhoso, o espanhol se propõe a iluminar, pela via da ficção, a “caixa preta” por trás do suicídio de quatro grandes poetas: além da americana, Alejandra Pizarnik, Cesare Pavese e Gabriel Ferrater.

São escritores separados por longas distâncias geográficas, mas que partilham influências literárias e enorme energia vital. Para usar palavras de Tallón, todos foram acumulando, ao longo de sua vida criativa, a lenha que culminou no incêndio trágico da morte autoinfligida.

“O escritor é alguém que faz um esforço extraordinário para comunicar algo que é, quiçá, incomunicável”, afirma o autor. “Sempre buscam dizer algo de uma maneira nunca dita, desbravando um ca-

minho novo e selvagem enquanto mergulham em si mesmos. E quando se percorre esse caminho escuro, você não sabe se vai chegar a salvo.”

É uma fala que encontra eco na psicanalista Maria Homem, que tem doutorado em teoria literária e literatura comparada. Ela propõe uma inversão didática na lógica com que estamos acostumados a enxergar a saúde mental.

“Somos todos, entre aspas, loucos em um primeiro momento. O que organiza o que chamamos de sanidade é o poder de dar nome às coisas com a palavra e com nosso imaginário simbólico compartilhado. Quando alguém se aprofunda em uma forma própria de dizer o que é estar no mundo, faz parte a perda dessas balizas.”

Ou seja, aqueles que se empenham no projeto de criar algo radicalmente novo - artistas, cientistas, filósofos - precisam desmontar o mundo que conhecem e descobrir tudo do zero. Costuma ser um caminho com doses de dor e perigo, segundo a psicóloga, que aproxima os processos de criação literária e análise psicanalítica.

Assim, não há como separar as condições psiquiátricas de uma autora como Anne Sexton daquilo que ela expressa nos livros. Quem diz é Linda Gray Sexton, herdeira da poeta vencedora do Pulitzer. “As pessoas perguntavam à minha mãe por que ela escrevia sobre coisas das quais ninguém ousava falar e ela respondia que sua vida era assim, não podia escrever de outra maneira”, diz Sexton, a filha já septuagenária, em entrevista.

Quem ler a coletânea de sua mãe verá que assuntos como o arrebatamento romântico, a exploração da sexualidade e a sensibilidade materna aparecem ao lado de sentimentos paranoicos, solidões acachapantes e a inclinação a acabar com a própria vida.

É claro que nenhum bom escritor enxerga seu trabalho apenas dessa maneira utilitária, e é uma armadilha ler a obra de Sexton por essa lente tão estrita. Mesmo que a literatura da poeta esteja entranhada a seu sofrimento psíquico, há muitos outros ângulos possíveis de leitura.

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha